

Plantas medicinais indicadas como antiinflamatórias por "raizeiros" da região de Goiânia

DÉBORA KARINE AMARAL DE SOUSA MOTA¹; LORENA DE SOUSA GONZAGA JAYME²
FRANCIELLE MUNIZ DO CARMO³; JULIANA BARACUI DE CASTRO RIBEIRO⁴
RENAN BATISTA DE LIMA E SOUZA⁵; THIAGO LEVI SILVA OLIVEIRA⁶; EDSON NEGREIROS DOS SANTOS⁷

1,2 Graduandos do Curso de Fisioterapia.

3. Graduandos do Curso de Odontologia.

4,5,6. Graduandos do Curso de Farmácia e Bioquímica.

7. Docente das disciplinas de Farmacologia e Fisiologia.

Universidade Paulista (UNIP), Campus de Goiânia, Rodovia BR-153, km 503, 74000-000. Goiânia (GO). Telefone (62)- 239.4000.

Autor responsável - e-mail <ednegreiros@terra.com.br>

INTRODUÇÃO

Na busca de alívio para suas dores e enfermidades, o homem foi impelido, através dos séculos, a analisar os fenômenos da natureza e a buscar soluções que o ajudassem a minorar seus sofrimentos. O processo de evolução da arte da cura se deu de forma empírica, em processos de descobertas por tentativas, erros e acertos¹.

O consumo de plantas medicinais teria sido a primeira forma de uso de medicamento de que se tem notícia. Muitas descobertas foram feitas pela necessidade de se obter novas fontes de alimentos, mas provavelmente um número expressivo deveu-se à curiosidade humana.

Os documentos arqueológicos, hoje, à disposição, só registram os fatos, a partir do ano 3.000 a.C., e possibilitam afirmar que muitos povos, há milênios, tinham conhecimento do valor de grande quantidade de plantas, seja pelas suas qualidades curativas, seja por permitirem sensações anormais².

Dos 277 fármacos e nove associações constantes da relação de medicamentos essenciais da Organização Mundial de Saúde (OMS), 143 (51,5 %) são de origem sintética, 28 (10,1 %) de fontes vegetais, 20 (7,9 %) de animais, 20 (7,9 %) semi-sintéticos, 20 (7,9 %) de origem microbiana, 24 (8 %) de fontes minerais, 14 (5 %) são vacinas e 8 (2,9 %) soros³.

Cerca de 80% da população mundial usa, principalmente, as plantas medicinais tradicionais para suprir as necessidades de assistência médica primária⁴, e pode-se seguramente presumir, que a maioria das terapias tradicionais envolve o uso de extratos de plantas e seus princípios ativos⁵.

MATERIAL E MÉTODOS

O levantamento foi realizado, em Goiânia (GO), junto a “raizeiros”, comerciantes plantas medicinais. Inicialmente, dividimos a cidade em quatro zonas distintas: norte, sul, leste e oeste. Os alunos participantes deste levantamento foram a campo (feiras-livres e mercados), visitando tais comerciantes nas quatro regiões acima demarcadas, sem se identificar como estudantes universitários.

Ao chegar ao local da entrevista, os alunos foram orientados, utilizando palavras chave, como inflamação, reumatismo, febre, dores; a solicitar junto aos comerciantes as principais plantas utilizadas no combate a estas afecções. Foram ainda orientados a solicitar a parte da planta utilizada, bem como a forma de uso das mesmas. Em seguida, foram tabulados e realizados o ranqueamento das mais utilizadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram feitas 52 citações de plantas utilizadas com este fim, conforme pode ser demonstrado na tabela 1. Dentre estas se podem extrair as mais citadas, conforme a tabela 1 e figura 1. Com 11,53 % de citações estão algodãozinho do campo e velame branco, as mais citadas. Pé de perdiz, arnica de batata, manacá e barbatimão apareceram em segundo lugar, com 9,61 % das citações. Sucupira e Pacova apareceram em terceiro lugar, com 7,69% dos comerciantes procurados. Finalmente, Jequitibá, Imburana, Carobinha do campo e Douradinha apareceram em quarto lugar, com 5,76 % das citações.

Tabela 1 - Plantas medicinais mais citadas por “raizeiros” de Goiânia, como antiinflamatórias

Nome vulgar	Parte usada	Forma de uso	% de citações
Algodãozinho	Sementes, folhas, flores, Raiz	Sumo por, infusão em água. Raiz por decocção	11,53
Arnica	Caule, folhas	Infusão, chá	11,53
Barbatimão			9,61
Carobinha	Casca	Chá, infusão	5,76
Douradinha			5,76
Imburana	Casca e semente	Chá em álcool	5,76
Jequitibá-vermelho	Entrecasca	Chá, infusão	5,76
Manacá	Raiz	Chá em vinho	9,61
Pacova			7,69
Pé-de-perdiz			9,61
Sucupira			7,69
Velame Branco	Folhas, raiz	Decocção	11,53

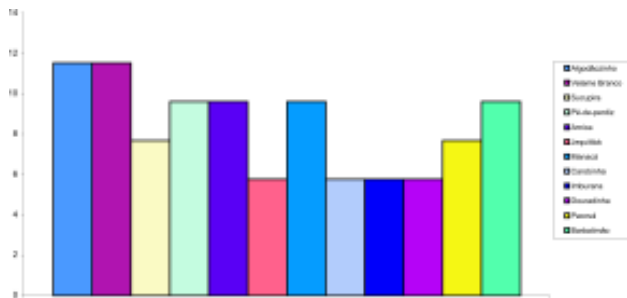


Figura 1 - Porcentagem de citações de plantas utilizadas como antiinflamatórias por raizeiros em Goiânia.

Um fato interessante por nós observado foi que, em todas as citações, as plantas não aparecem sozinhas, porém associadas, constituindo as chamadas garrafadas ou seja: misturas de plantas cujo princípio ou princípios ativos foram extraídos, utilizando geralmente álcool etílico como substância extratora/conservante. Outra observação foi a de que na maioria absoluta dos casos o comerciante ao fazer tal associação infunde várias plantas ditas "para melhorar o desempenho sexual" de quem as utiliza. Fazem também referência de que associações com plantas com alegadas propriedades estimulantes não causam prejuízos à saúde, mas apenas benefícios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises iniciais dos dados nos remetem a refletir sobre o que se faz a centenas de anos pelo Brasil. Sabe-se que menos de 2% das plantas medicinais tiveram seus estudos fitoquímicos e ou farmaco-

lógicos-toxicológicos concluídos. Sabe-se, ainda, pela experiência, que o fato de o produto ser de origem natural, não o isenta de propriedades tóxicas. Porém as pessoas ainda acreditam que isto não é uma verdade.

Será que a associação de várias plantas dentro de um mesmo recipiente, sem conhecer sequer o princípio(s) ativo(s) de cada uma delas, não poderia predispor a fenômenos tóxicos a curto, médio e longo prazos? Com certeza, este é um, apenas um dos problemas a serem observados pelas vigilâncias públicas. A nós da área resta-nos estudar e levantar tais possíveis causas de toxicidade e descaminhos, tentando na medida do possível apontar soluções para tais problemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MORS, W. Plantas Mediciniais. **Ciência Hoje**, v.1, p.51-54, 1982.
- BARBOSA, W.L.R.; BARROS, W.; SOLER, O. Etnofarmacologia: uma abordagem de plantas medicinais pela perspectiva das ciências farmacêuticas. **Rev. Bras. Farm.**, v.77, n.3, p.82-84, 1996.
- WORLD WEALTH ORGANIZATION (WHO)- Traditional medicine: some examples of its use. **WHO Chronicle**, v.31, p.428-432, 1990.
- GOTTLIEB, O. & KAPLAN, M.A. Das plantas medicinais aos fármacos naturais. **Ciência Hoje**, v.15, n.89, p.51-54, 1989.
- FASWORTH, N.R.; AKERELE, O.A.; BINGEL, A.S.; SOEJAR-TO, D.D.; GUO, Z. Medicinal plants in therapy. **Bulletin of World Health Organization** v.6, p.965-981, 1985.

Polissacarídeos sulfatados de algas marinhas com atividade anticoagulante

HUGO A. O. ROCHA¹; EDUARDO H. C. FARIAS²; LUANA C. L. M. BEZERRA³
IVAN R. L. ALBUQUERQUE³; VALQUÍRIA P. MEDEIROS⁴; KARLA C. S. QUEIROZ⁵; EDDA L. LEITE⁶.

- Farmacêutico, Prof. Adjunto I do Departamento de Bioquímica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.
- Graduando do 5º Período do Curso de Ciências Biológicas da UFRN.
- Mestrando em Bioquímica - UFRN
- Bióloga, mestre em Bioquímica.
- Farmacêutica, docente da disciplina de Farmacologia - UFRN.
- Farmacêutica, Prof. Adjunto IV - Departamento de Bioquímica - UFRN.
Autor responsável - e-mail hugo-alexandre@uol.com.br

INTRODUÇÃO

As doenças cardiovasculares estão intimamente relacionadas a trombose. Elas têm, nos Estados Unidos, uma incidência duas vezes maior de mortes do que a segunda causa de morte, o câncer (Nader

et al., 2001). Mesmo quando as doenças cardiovasculares não são mortais, essas levam, com grande frequência, à invalidez parcial ou total, com graves repercussões para o paciente, sua família e a sociedade.

A incidência de doenças cardiovasculares vem